

O fazer do semioticista à luz de Luiz Tatit *

Carolina Lindenberg Lemos**

Resumo: É possível supor que o trabalho do pesquisador envolve dois tipos de fazer. De um lado, confrontados com o objeto empírico, lançamos mão do aparelho teórico e o recortamos, dividimos, tipologizamos e o organizamos. De outro lado, ocupamo-nos da teoria e do método: fabricamos. Categorias e ferramentas são produtos desse fazer que *constrói* e que serão *usados* naquele outro fazer primeiro. Na prática do semioticista, esses atos se misturam. Talvez não haja outro lugar em que os diferentes fazeres estejam mais imbricados do que na pesquisa de Luiz Tatit. A leitura de suas publicações, especialmente de seus prefácios, mostrou-nos um profundo trabalho com o objeto – especialmente com a canção – e uma ambiciosa força modelizante entremeados. Ao longo de seus trabalhos, Tatit trata de encontrar o modelo e a teoria no seio dos objetos de estudo. O percurso que nasce da análise rente aos objetos produz discussões teóricas e metodológicas que convidam a uma generalização fecunda para muito além dos seus objetos de eleição. Dessa forma, apesar de termos a nítida noção de que são as ferramentas que se empregam no uso analítico, Luiz Tatit nos mostra que, em grande medida, é o uso que constrói ferramentas, garantindo assim a circularidade criativa da semiótica brasileira.

Palavras-chave: metassemiótica; teoria da canção; prefácio

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.180191>.

** Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: carolinalemos@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0114-2548>.

*A Yasmine Badir,
que um dia me contou que eu podia contar histórias.*

Introdução e justificativa

Este artigo foi originalmente concebido como uma homenagem ao cancionista e semiótico Luiz Tatit. Isso porque sua primeira versão foi elaborada em resposta a um convite do Grupo de Estudos Semióticos da Universidade de São Paulo para celebrar a aposentadoria, então recente, de Luiz Tatit e de Norma Discini, dois professores da casa. Respeitando a sua origem, o texto que segue, apesar de devidamente transcrito, revisado e adaptado à forma de um artigo científico, guarda rastros de sua oralidade fundadora e de seu caráter celebratório. Seria legítimo então perguntar se há lugar para um texto desse gênero em meio a outros que se conceberam do começo ao fim como um trabalho de divulgação escrita e, sobretudo, que buscaram, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, uma tomada de posição pela imparcialidade típica dos estudos científicos. Acredito poder responder com convicção que sim: o lugar deste artigo é numa revista acadêmica.

Por um lado, a tomada de posição explícita da homenagem tira de todo horizonte as dúvidas acerca dos propósitos do texto. Se se trata de uma homenagem, sabe-se que há uma seleção que foi feita nessa direção. No entanto, toda pesquisa é um recorte, todo estudo é parcial. A base dessa escolha, se não imparcial, está ainda assim bastante demarcada. Independentemente do caminho tomado, chegamos a conclusões relevantes sobre o fazer do semiótico no Brasil.

O papel modelar de Tatit está aqui reconhecido – o convite já o dizia –, a argumentação o sustenta.

1. Cantar histórias

Como anunciado na introdução, este texto surge do convite de Ivã Carlos Lopes e Elizabeth Harkot-de-La-Taille para refletir sobre a presença do trabalho de Luiz Tatit e de sua influência na pesquisa dos semióticos formados por ele – direta ou indiretamente. É realmente uma grande honra e responsabilidade discutir o fazer de seus mestres, mas é também, em alguma medida, um proverbial “presente de grego” falar de um mestre que corre o risco de ler estas linhas. Ainda assim, tentarei mostrar aqui que uma estratégia bem fundada no trabalho com um *corpus* pode dar frutos e chegar a algumas sugestões do funcionamento e da construção da pesquisa de Tatit.

Vou partir da ideia de que escrever, falar e se exprimir de maneira geral é de alguma forma criar um universo, um universo seu, mesmo que seja uma escrita acadêmica. E criar um universo é também atribuir valores às coisas, dar ênfases a certas coisas e não a outras. A questão é que se fazemos bem isso, se nos exprimimos bem, – para usar uma expressão que Tatit gosta muito de colocar nos textos – tudo se passa como se esse mundo fosse *a* verdade. Acredita-se nele como se fosse *de verdade*. Então vou tentar contar aqui qual é esse mundo que Luiz Tatit nos propõe com tanta eficácia em seus livros, mas é preciso levar adiante o argumento, pois sou eu que estou me exprimindo desta vez, então, na verdade, é o *meu* mundo do mundo de Tatit, a minha leitura. E entramos nesses espelhos que borram os contornos, em que é o mundo dele contado pelo meu viés que conta outras coisas. Esse mundo de limites confusos é em grande medida o tema deste texto: os limites que se borram.

Qual foi o caminho que eu percorri para fazer isso? Eu sou uma leitora convicta de prefácios. Eu adoro ler prefácios. Os prefácios são muito interessantes, não só porque são uma condensação. Há um grande valor no pequeno; trabalhei com a repetição e muito se revela no trabalho com o que está concentrado em pequenos formatos. Isso é o prefácio: ele é condensado. Ele é também reflexivo. Geralmente no prefácio pensa-se no que se faz e como se faz. E ele é, por fim e sobretudo, incoativo: ele começa; ele propõe; ele faz uma proposta. Vou tratar então dos prefácios de Luiz Tatit e do que contam do mundo que ele está tentando construir.

2. Relação entre teoria e prática de análise

É preciso mais um preâmbulo antes de entrar no assunto propriamente dito. Frequentemente, quando se fala da semiótica no Brasil, diz-se que fazemos muita prática, muita análise e pouca teoria. Existe um mito desse tipo que circula entre nós. Ao mesmo tempo, temos uma grande deferência à teoria. Em sua fala no primeiro dia do evento de homenagem,¹ Daniel Leite dizia que estava pela primeira vez à mesa de teoria, dizia de sua admiração pela teoria e que finalmente tinha entrado para a “patota”. Acho que todos dividimos um pouco essa fascinação pela teoria. Mesmo Luiz Tatit (2010, p. 11), no livro sobre Guimarães Rosa, responde a isso ao apontar que “[as] contribuições do Brasil à semiótica [...] não se restringem à execução pura e simples do projeto original do autor lituano [Greimas]”. Se precisa dizer que *não é apenas isso*, é porque essa questão está colocada de alguma forma.

O caminho tomado a seguir é, assim, o de discutir justamente essa relação entre a prática de análise e a teoria. Suponho, para começar, que é possível

¹ Refiro-me aqui ao evento no qual a versão oral preliminar deste texto foi apresentada, já mencionado no início do texto.

separar dois grandes fazeres do semioticista. Um é o fazer do tipo *usar*: nós tomamos as ferramentas teóricas e as aplicamos, realizando práticas de análise. O outro fazer é um *construir*, em que desenvolvemos essas próprias ferramentas que depois serão usadas nas análises. Pode-se falar deles como se fossem absolutamente separados. No entanto, o que acontece na história de Tatit é que as fronteiras não separam tão facilmente um e outro. Misturam-se muito mais do que se separam.

3. O papel da teoria: a boa medida do antissujeito

Vejamos então qual é a visada que Tatit nos propõe sobre a teoria. A teoria aparece às vezes em seus textos com ares de antissujeito. Por exemplo, em *Análise semiótica através das letras*, ele fala da complexidade teórica, como ela assusta e como alguns correm para os “métodos menos rigorosos que atingem resultados imediatos” (Tatit, 2001, p. 11-12). Na descrição do projeto de pesquisa em seu *Currículo Lattes*,² ele explica que fez esse livro para “atenuar a abstração” ou para “diminuir a distância entre a teoria e a prática”, ou ainda que escolhe usar letras de canções para “minorar as dificuldades”. Em *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*, aponta que a “literatura tende normalmente a apagar as marcas das operações sintáticas [...], sem a *exibição indesejável* dos dispositivos técnicos” e a descrição da literatura “nos leva a esses componentes” (Tatit, 2010, p. 13, grifos meus).

Qual é a solução então para esse antissujeito? A bem dizer, não é a teoria em si que é o antissujeito – e vamos descobrindo isso ao longo das leituras – é mais precisamente o excesso. De seu penúltimo livro, *Estimar canções* (Tatit, 2016), depreendemos uma questão global do comedimento. Fica explícito então que o antissujeito é menos a teoria em si do que o excesso de terminologia, o excesso de abstração, a distância enorme dos objetos empíricos.

Como se faz, então, para minorar esse excesso? Primeiro, Tatit nos conta, em *Elos de melodia e letra*, que escreveu com o Ivã Carlos Lopes, que esse “esforço de abstração é o preço a pagar por um conhecimento menos anedótico” (Tatit; Lopes, 2008, p. 12). Sendo assim, para começo de história, esse esforço vale a pena. Ainda assim, e sobretudo, Tatit nos propõe reforçar a atividade descritiva, que vai justamente despertar as reflexões de maior alcance, como explica em *Análise semiótica através das letras*. Ele vai dizer que esses princípios gerais são aquilo que assegura a coerência metodológica. Ora, a teoria não é, portanto, um antissujeito assim tão terrível. Passamos então a observar como esses elementos interagem.

² É possível consultar a versão atualizada do *Currículo Lattes* de Luiz Tatit em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4763580E4>>.

4. A lida com o objeto

Em *Todos entoam*, Luiz Tatit (2014, p. 13) nos conta um pouco de como surge sua paixão pela canção. Ele diz que dentro do rádio havia “um mistério que por essa época [lhe] bastava conservar” e que “o desejo de decifrar viria bem depois”. Mais tarde, começa a “ler o mundo pelas canções”, “avaliar o modo de ser e de pensar das pessoas em geral por suas preferências cancionais” (Tatit, 2014, p. 20-21). Note-se o que a canção foi em primeiro lugar para o Luiz Tatit, ou seja, aquilo que vemos hoje como o objeto de análise da semiótica da canção foi para ele, num primeiro momento, um instrumento de avaliação: foi antes uma ferramenta de avaliação do que um objeto de análise. Essa ideia de extrair um modelo do objeto de análise é algo que parece nunca deixar o fazer criativo de Luiz Tatit, mas que vai voltar de forma igualmente declarada em *Semiótica à luz de Guimarães Rosa* (Tatit, 2010), como veremos mais adiante.

Então, Tatit nos conta, primeiramente, dessa paixão pela canção e, em seguida, em *O cancionista*, ele nos revela que, em 1974, teve um *insight*: “ouvindo Gilberto Gil reinterpretando Germano Matias, [lhe] ocorreu a possibilidade de toda e qualquer canção popular ter sua origem na fala”, que ela é o “produto de uma dicção” e que, na verdade, talvez a fala esteja “camuflada em tensões melódicas” (Tatit, 2002, p. 11-12). Sendo assim, haveria um centro de problema que não pertencia nem à música nem à poesia, mas daquela reunião que se fazia entre melodia e fala: da canção. Veja: 1974! Seu primeiro livro é *A canção: eficácia e encanto*, que saiu pela primeira vez em 1986. Foram-se aí doze anos para começar a transformar aquele *insight* na tipologia das canções: passionalizantes, tematizantes e figurativizantes e no modelo de análise de canção que iria construir. Isto é, trata-se de longo tempo de trabalho com o objeto antes de começar a poder expô-lo de alguma forma. Esse trabalho, entretanto, continua. De 1986 é *A canção*. Depois em 1994 temos o *Semiótica da canção* (Tatit, 2007). Os trabalhos continuam por anos e, em 2016, ele permanece “estimando canções” (Tatit, 2016).³

Outra questão pertinente para entender o fazer de Luiz Tatit é que ele vê esse encontro da semiótica com a canção como “surrealista” e que só se justifica por sua trajetória pessoal que reuniu esses dois universos (Tatit, 2007, p. 12). Os textos reunidos, por exemplo, em *Musicando a semiótica* “propõem à semiótica uma parceria [com a porção musical que o modelo semiótico vem reclamando]” (Tatit, 1997, p. 7). Toda sua atividade vai, assim, partir de um trabalho profundo de análise do *corpus* e daí os modelos serão extraídos. Em *Semiótica da canção*, ressalta que a atividade descritiva é um dos motores da reformulação dos princípios teóricos (Tatit, 2007, p. 11) e que a música está aí para sanar lacunas na teoria. Ainda em *Musicando a semiótica*, propõe lançar

³ Em 2019, um novo livro é publicado: *Passos da semiótica tensiva*. Apesar de não trazer no nome o objeto cancional, continua a desenvolver a mesma visada teórica e conta com capítulos sobre semiótica da canção.

“objetos de pesquisa que possam contribuir diretamente para esse esforço geral de dinamização do modelo teórico” (Tatit, 1997, p. 7). Tudo se passa como se a força teórica emanasse dos objetos, ou ainda, os objetos estivessem construindo essa força.

Os conceitos, ele afirma em *Análise semiótica através das letras*, emergem “da atividade discursiva como uma necessidade inerente ao trabalho reflexivo” e que as noções técnicas surgem “das entranhas do *corpus* [...] e projetam] um quadro teórico” (Tatit, 2001, p. 14). Há uma certa naturalização da teoria, como se ela já estivesse contida nos objetos. Em *Elos de melodia e letra*, afirma que:

[as análises concretas] costumam deixar rastros que, de tempo em tempo, podem ser recolhidos e ordenados em novas sínteses, *conhecidas também como novos modelos*. A semiótica é constituída, no fundo, desses modelos extraídos das incontáveis leituras que fazemos das linguagens e dos acontecimentos que nos circundam (Tatit; Lopes, 2008, p. 12, grifos meus).

Isso fica ainda mais ressaltado em *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*, ao dizer que Guimarães Rosa é às vezes figurativo, às vezes quase teórico (Tatit, 2010, p. 11). Ora, a teoria já quase não vem da análise, mas está lá colocada desde o princípio. Luiz Tatit aproxima a teoria e a arte como duas formas de “sondagem dos mistérios do imaginário” (Tatit, 2010, p. 12). Tudo se passa como se ele estivesse propondo uma visada teórica da arte e, ao mesmo tempo, uma limpeza do método ou dessa carga da teoria, que deve se tornar mais leve.

Todas essas afirmações parecem muito naturais na pluma de Luiz Tatit – voltando a analisar a história por trás da história que ele nos propõe. Tudo parece muito natural e concordamos facilmente com isso, porém, para uma *hjelmsleviana de carteirinha*, o prefácio de *Semiótica à luz de Guimarães Rosa* é uma surpresa. Na verdade, estamos acostumados a pensar que primeiro tratamos do princípio do empirismo, ou seja, a teoria deve ser não contraditória, exaustiva e simples (Hjelmslev, 2003, p. 11). A adequação ao objeto sequer faz parte do princípio do empirismo e, portanto, da construção teórica. Segundo Hjelmslev (2003, p. 16), “a teoria, em si mesma, não depende da experiência”. O seu caráter dedutivo faz com que a teoria permita, a partir das premissas por ela enunciadas, o cálculo de todas as suas possibilidades.

O teórico sabe, por experiência, que certas premissas enunciadas na teoria preenchem as condições necessárias para que esta se aplique a certos dados da experiência. [...] Parece necessário incorporar esses dois fatores [a arbitrariedade advinda da dedução e a adequação aos dados da experiência] na elaboração de toda teoria. Todavia, daquilo que foi exposto, decorre que os dados da experiência nunca podem confirmar ou contrariar a validade da própria teoria, mas sim, apenas, sua aplicabilidade (Hjelmslev, 2003, p. 16).

Assim, pensar que não é o pesquisador que está construindo a teoria, mas que a teoria já está lá no objeto para ser apenas extraída, é uma postura inusitada. A aparente não adesão de Tatit a essa premissa talvez explique justamente sua escolha por dizer que não está exatamente propondo uma teoria, mas apenas revelando o que já estava lá. Como quer que seja, e dada a produtividade de sua pesquisa e a de seus alunos⁴ e colegas que se serviram de seu trabalho, somos levados a concluir que se trata, afinal, de um *parti pris* muito eficaz.

Tatit nos garante que esse tipo de fazer do semiótico não é só dele. O que ele fez com Guimarães Rosa é correlato ao que Greimas fez com Tournier, Rilke, Cortázar, Calvino, o que Fontanille fez com Proust, o que Zilberberg fez com Valéry, o que Ignacio Assis Silva fez com Picasso e Magritte (Tatit, 2010, p. 13-14). Ele atribui, dessa forma, um lastro para esse fazer que extrai a teoria dos objetos.

5. Continuidade e inovação

As discussões elucidadas nos levam a pensar na questão da continuidade. Nesses termos, o que seria na verdade a inovação? Em que é novo o fazer de Luiz Tatit se tudo “já está lá”? Claude Zilberberg (2011, p. 1), teórico importante para toda a semiótica discursiva e especialmente para Tatit, propõe em *Des formes de vie aux valeurs* que a novidade pode aparecer de duas maneiras na teoria: pode ser a irrupção de uma grandeza absolutamente nova – em seu exemplo, o inconsciente freudiano –, mas pode também se dar por meio de uma transferência de acento, um deslocamento de forças. Acredito que, em grande medida, quando se faz um discurso de continuidade, como é o de Luiz Tatit, como quem diz: “estou aqui apenas fazendo seleções do método geral e decantando os elementos necessários para o meu modelo” (Cf. Tatit, 2007, p. 12-13; 2016, p. 15), também se está mudando o acento, também se está produzindo uma inovação por essa via. Tatit faz, afinal, uma seleção, um rearranjo.

Nessa perspectiva de continuidade, o semiótico paulistano nos apresenta então o seu fazer como um gesto de solidariedade, uma inserção de seu fazer no fazer coletivo. Em *Semiótica da canção*, invoca a surpreendente colocação: “não é o objetivo desta pesquisa criar novas técnicas de análise [...] Poucas são as novidades, no nosso entender, apresentadas pelas descrições dos fenômenos manifestos” (Tatit, 2007, p. 12). No entanto, as apresentações de Bruna Zerbinatti e de Renata Mancini, realizadas em mesa redonda de

⁴ A título de exemplo, remetemos o leitor novamente ao *Currículo Lattes* de Tatit, no qual não apenas temos acesso a sua lista de publicações imodestas, como vemos também o grande número de teses e dissertações concluídas sob sua orientação. Seus alunos estão, em grande parte, inseridos em universidades públicas e desenvolvendo suas próprias pesquisas.

homenagem a Norma Discini e a Luiz Tatit,⁵ atestam que as sugestões e inovações trazidas por Tatit foram retomadas não apenas no interior do universo da canção e da música, mas também na psicanálise e nos estudos de tradução intersemiótica, respectivamente e para citar apenas dois casos ilustrativos.

Por outro lado, mesmo num livro que se pretende intermediário entre um trabalho aplicado e investidas teóricas, como *Análise semiótica através das letras*, o autor nos fala dos níveis discursivo, narrativo e *tensivo*. Tendo, eu mesma, sido em grande medida iniciada na teoria semiótica pelo olhar de Tatit, acreditava inicialmente que essa divisão de níveis fosse a solução mais natural, mas, a bem da verdade, não há um consenso no tratamento do nível profundo por *nível tensivo*. Essa escolha implica um posicionamento das relações tensivas em face ao percurso gerativo, e uma substituição ou atualização dos mecanismos que antes estavam no nível profundo, como concebido por Greimas.⁶ Ademais, a apresentação desse termo sem uma discussão alongada das implicações teóricas que apontamos não apenas naturaliza a transição de um nível profundo a um nível tensivo, como as dá como não problematizadas ou não problematizáveis. A história fica, portanto, resolvida e seu leitor um pouco mais desavisado – note-se que é um livro de introdução: o leitor é, por definição, desavisado – não se dá talvez conta de que essa *mera* mudança de nome implica de fato uma importante proposta teórica.

Apesar disso, Luiz Tatit (2001, p. 26) termina a introdução de *Análise semiótica...* da seguinte maneira: “Este livro traz um pouco de como a semiótica vem funcionando até agora e um pouco de como poderá funcionar num futuro próximo”. Em outras palavras, existe também uma consciência de que está propondo novidades, apesar de todo o discurso de continuidade.

Mencionando mais uma vez Zilberberg, Tatit afirma que o semioticista francês reconhece a ousadia de sua própria proposta, mas defende essa continuidade com os fundadores da semiótica. O engenho de Claude Zilberberg estaria então em aliar ousadia teórica e fidelidade à origem linguística (Tatit, 2016, p. 14-15; 2019, p. 12). Ousadia e fidelidade: reencontramos o tema do comedimento e da medida.

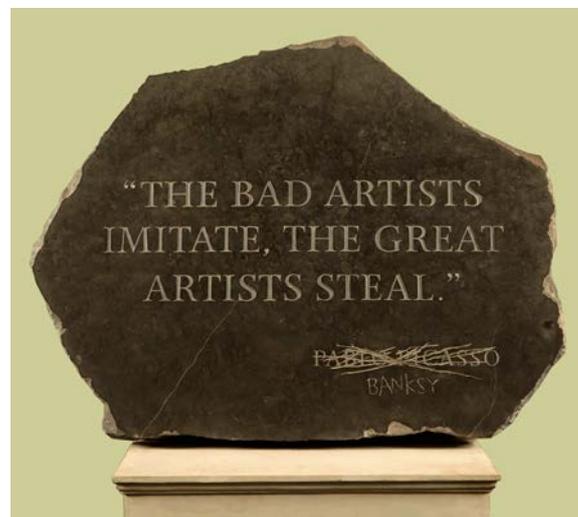
Numa fala tão reflexiva sobre o fazer do semioticista, talvez caiba comentar o meu próprio fazer nessa relação de continuidade. Afinal, quando comecei a

⁵ Trata-se da mesa redonda em que Tatit proferiu a apresentação oral que deu origem a este artigo. Foi realizada em 7 de outubro de 2017, durante o *XV MiniEnapol de Semiótica na USP*. Sua programação e resumos estão disponíveis em: <<http://semiotica.fflch.usp.br/node/513>>.

⁶ A título de confrontação, podemos mencionar uma outra sistematização contemporânea proposta por Estay-Stange e Bertrand (2014, p. 15). Os autores intuem, como Tatit, que a perspectiva tensiva deve ocupar o nível fundamental, mas este não se vê substituído por aquela (como em Tatit, 2001) e as categorias greimasianas clássicas se veem mantidas no mesmo nível fundamental, porém, num degrau superior, atribuindo subníveis ao fundamental. Essa subdivisão sugere que o contínuo defendido pela visada tensiva é anterior no percurso aos termos categóricos da teoria greimasiana. Por outro lado, elementos como focalização, ritmo, andamento e aspectualização, caros à perspectiva tensiva, são tratados em outros níveis por Estay-Stange e Bertrand.

conceber este texto, essa foi justamente uma das dificuldades com as quais me confrontei: como é difícil separar-se de suas influências. Por se tratar de uma homenagem, um caminho plausível – inclusive um que foi escolhido pela maioria dos palestrantes da mesa redonda de homenagem a que já nos referimos – é o de encontrar no meu próprio trabalho as influências da pesquisa de Luiz Tatit. No entanto, era extremamente difícil separar: o que é de fato meu daquilo que é dele; o que é de Tatit do que é de Zilberberg; o que é de Zilberberg do que é Hjelmslev e de Saussure. É tudo parte de um mesmo fôlego. Luiz Tatit parece também estar sujeito a esse jogo de espelhos quando afirma, em *Passos da semiótica tensiva*, que vai “apresentar uma leitura particular da evolução do pensamento semiótico inaugurado há mais de meio século por Algirdas Julien Greimas [...] uma leitura da leitura elaborada pelo autor francês Claude Zilberberg” (Tatit, 2019, p. 11). Aliás, é de se perguntar se, no Brasil, conhecemos Zilberberg ou se conhecemos o Zilberberg que Tatit nos apresentou. Por exemplo a questão da sílaba, foi Tatit quem trouxe para o horizonte da semiótica brasileira, mas também foi Zilberberg. Na verdade, também já estava em Hjelmslev e em Saussure. Afinal, de quem é essa sílaba? Posso responder que ela é minha, porque roubei e coloquei no meu texto, como na feliz formulação atribuída a Picasso/Banksy (ver Figura 1):⁷

Figura 1: Banksy, Banksy *versus* Bristol Museum, 2009



Fonte: Disponível em <https://artislimited.wordpress.com/2012/11/02/the-bad-artists-imitate-the-great-artists-steal-picasso-er-banksy/>. Acesso em 08 jan. 2021.

⁷ A inscrição em inglês diz: “O mau artista imita, o grande artista rouba”.

Conclusão ou a lógica da mistura

O que parece ser então a questão central deste texto é que há uma mistura que se opera no fazer de Luiz Tatit. Essa mistura borra os limites do que é a teoria e a prática. Vê-se isso cada vez mais fortemente no avançar histórico de seus livros. Sobretudo em *Semiótica à luz de Guimarães Rosa* (Tatit, 2010), isso está muito demarcado quando reconhece teoria no objeto literário, e transforma objetos e teorias, uns nos outros.

Essa questão das fronteiras borradas entre objeto e teoria, mas também entre os diferentes fazeres: o fazer que analisa e o fazer que constrói, é em grande medida a responsável pela criatividade e pela originalidade do trabalho de Tatit. Isso faz dele profundamente brasileiro em seu estilo de operar. Essa tendência à mistura, como já aponta Cristina Altman (1999), é reconhecida como uma forma de trabalhar a linguística brasileira, quando Mary Kato e Fernando Tarallo misturam Chomsky com Labov: uma mistura interdita fora do Brasil. Na semiótica, um casamento correlato é o das perspectivas de Zilberberg e Landowski, que não hesitamos em fazer no Brasil. Num outro universo, o próprio Tatit (1986, p. 1-2; 2004, p. 11-12) reconhece tal fazer como uma característica da canção, ao dizer que a canção brasileira é essa mistura de formas nacionais com estrangeiras, essa vocação amalgâmica, que incorpora “influências circunstanciais da moda, do progresso tecnológico e das outras modalidades artísticas, dos acontecimentos socioculturais... Enfim, a lógica da mistura”.⁸ ●

Referências

- ALTMAN, Cristina. Between structure and history: the search for the specificity and the originality of Brazilian linguistic production. *In*: EMBLETON, Sheila; JOSEPH, John E.; NIEDEREHE, Hans-Josef (org.) *The emergence of the Modern Language Sciences: studies on the transition from historical-comparative to structural Linguistics in honour of E. F. K. Koerner*. Vol 1: Historical perspectives. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 1999, p. 247-259.
- ESTAY-STANGE, Veronica; BERTRAND, Denis. Reflexões sobre a perspectiva gerativa em semiótica. *In*: CORTINA, Arnaldo; SILVA, Fernando Moreno da (org.). *Semiótica e comunicação: estudo sobre textos sincréticos*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2014, p. 13-21.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. Tradução J. Teixeira Coelho Netto. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- TATIT, Luiz. *A canção: eficácia e encanto*. São Paulo: Atual, 1986.
- TATIT, Luiz. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997.
- TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê, 2001.
- TATIT, Luiz. *O cancionista*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

⁸ Zilberberg (2004).

TATIT, Luiz. *O século da canção*. São Paulo: Ateliê, 2004.

TATIT, Luiz. *Semiótica da canção: melodia e letra*. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2007.

TATIT, Luiz. *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ateliê, 2010.

TATIT, Luiz. *Todos entoam: ensaios, conversas e lembranças*. Cotia: Ateliê, 2014.

TATIT, Luiz. *Estimar canções: estimativas íntimas na formação do sentido*. Cotia: Ateliê, 2016.

TATIT, Luiz. *Passos da semiótica tensiva*. Cotia: Ateliê, 2019.

TATIT, Luiz; LOPES, Ivã Carlos. *Elos de melodia e letra: Análise Semiótica de Seis Canções*. Cotia: Ateliê, 2008.

ZILBERBERG, Claude. Condições semióticas da mestiçagem. *In*: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (org). *Olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 69-101.

ZILBERBERG, Claude. *Des formes de vie aux valeurs*. Paris: PUF, 2011.

The making of a semiotician according to Luiz Tatit

 LEMOS, Carolina Lindenberg

Abstract: We can speculate that the work of a researcher involves two kinds of action. On the one hand, confronted with the empirical object, we take hold of the theoretical apparatus, and we analyze, divide, and organize it in typologies. On the other hand, we work on the construction of the theory and the methodology. Categories and tools are the products of the activity of *building* theories and that are, in turn, *used* in that other activity – the one that analyzes. In a semiotician’s practice, these actions are intertwined. There may be no other place in which these two aspects of semiotic research are more interwoven than in the research undertaken by Luiz Tatit. The scrutiny of his publications has shown a profound work with the empirical object – mainly the structure of songs – as well as an ambitious modeling force. Throughout his work, Tatit has found the model and the theory in the bosom of his objects of study. The path that starts at the close observation of the *corpora* gives rise to theoretical and methodological discussions that lead to fruitful generalizations extending beyond those same observational objects. Thus, even if one may feel that tools precede their analytical use, Luiz Tatit shows us that, to a large extent, it is the use that builds the tool, guaranteeing the creative circularity which is the mark of Brazilian Semiotics.

Keywords: meta-semiotics; theory of songs; foreword.

Como citar este artigo

LEMOS, Carolina Lindenberg. O fazer do semioticista à luz de Luiz Tatit. *Estudos Semióticos* [online], volume 17, número 3. Dossiê temático: “Semiótica, Música e Canção”. São Paulo, dezembro de 2021, p. 104-114. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

LEMOS, Carolina Lindenberg. O fazer do semioticista à luz de Luiz Tatit. *Estudos Semióticos* [online], vol. 17. 3. Thematic issue: “Semiotics, Music, and Song”. São Paulo, december 2021, p. 104-114. Retrieved from: www.revistas.usp.br/esse. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 18/12/2020.

Data de aprovação do artigo: 03/08/2021.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

